Leões

A coragem e a ética desafiando o destino de um jovem.

Boa leitura.

Ulisses Sebrian

A lua que nunca lhe passou de uma coisa qualquer como parte da cidade, desde que se conhece por gente e que por isso nunca mereceu um segundo de sua atenção, cativou-o naquela noite. Agora cheia subindo aos céus ali da zona leste e avermelhada pelo aquecimento global disputando a sua luz com as luzes da cidade e ainda sim se mostrando como algo encantador e pela primeira vez merecedora de sua atenção. Rogério deu-lhe o seu silêncio e quase sem piscar foi acompanhado-a em sua trajetória. Claro que muita coisa havia mudado em sua vida, nesses últimos dias, tanta coisa que até mesmo a sua atenção para simplesmente observar a lua, que agora não se tratava mais de uma coisa qualquer da cidade, como os edifícios os postes e os aviões cortando o céu. Era a lua.

E vê-la por incrível pode parecer para a sua vida ou que sempre até ali aos vinte e dois anos entendeu da vida lhe foi confortável crê. Ela sinuosamente lhe tirou a atenção dos problemas da vida. Não contaria isso a ninguém, porque sempre tem alguém preste a te chamar de boiola ou louco. E isso quando alguém te entende e sabe o que está sentindo. Observar a lua, naquele momento e o seu silêncio em admiração a ela era coisa sua, somente sua e de ninguém mais. Como um vidro quebrado. - ouvindo distante a campanhia de sua casa tocar segundos antes. - a voz de sua mãe no andar de baixo chamando-o para atender um amigo, restabeleceu a antiga ordem das coisas comuns na sua vida e aquele momento seu com a lua ficou

como uma porta aberta para outros mundos guardado naquele lugar onde somente nós e ser algum, nem mesmo os deuses, tem acesso.

Era Idailtom e Juliano, gritou a sua mãe assistindo a novela *das oito* e por isso quase impossibilitada de algo a mais. Rogério gritou para subirem. E ouvindo algum som da periferia nesses mp3.

- *Se* estava estudando! – perguntou Juliano ao ver alguns livros na cama.

- Po cara! Hoje é sábado! Tá quente calorzão. Vamos dar umas bandas por ai. – insistiu Idailtom.

Rogério coçou a cabeça quase *indo na* deles. Mas se lembrou da lua, no que pode parecer loucura.

- Eu vou ter prova na faculdade. E vocês sabem é PROUNI e não e não posso ser reprovado.

- Putz! Cara eu não sei como você aguenta essa coisa de escola. Livros. Durante a semana até vai lá, mas sábado! Meu a mulherada tá lá fora, e ai.

- E ai é que eu tenho uma prova, não dá não! Vão vocês dois! Depois a gente se fala.

- Porque você não deixa pra estudar na segunda, tá sem fazer nada mesmo. - insistiu Juliano.

- Segunda eu começo um estágio e ai é que o meu tempo vai ficar curto para estudar.

- Estágio? - O que é estágio?- perguntou Idailtom.

- É um trabalho na minha área.

- Trampo! Que bom pra você. Ai é que a gente não vai se vê mais mesmo.

- Que é isso, Idailtom. A gente vai se vê nos finais de semana. Só esse que não dá.

- E ai vai uma erva ai! - disse Juliano, sacando um pacotinho do bolso o que causou o sorriso de Idailtom.

- Que isso, aqui não. Vocês sabem que eu não curto isso. Não quero acabar que nem o meu pai.

- Ei. Cara – disse Juliano botando a erva no bolso. – A gente "*o viu"* no bar do veio e com o Mala preta. Os dois depois certamente vão fumar um.

- Meu pai é foda, não apreende. Já foi preso, só dá dor de cabeça...

- A sua mãe parece não tá nem ai.

- Ela é que sustenta essa casa, por isso eu tenho que trabalhar e ir bem à escola.

- Ela Tá lá assistindo a novela como se o mundo fosse aquilo. Igual a minha mãe. – disse Idailtom

- O mundo é diferente pra cada um. E pra cada um serve de um jeito. – disse Rogério, como se essas palavras sempre estivessem dentro de si prontas pra saírem ganharem os ouvidos num momento como aquele.

- Calma cara! Não fica nervoso.

Rogério ficou num silêncio sem querer avançar sobre ninguém e como proteção não querendo que ninguém invadisse o seu mundo. Talvez por ter percebido a existência da lua, minutos antes também o fez perceber da sua existência.

Juliano se levantou, cutucando Idailtom pra se levantar também.

- Acho melhor deixar você estudar ai. Vamos nessa Idailtom.

- Ai, Rogério, cara. Fui mal.

- *Vai na boa cara*.

Ao saírem o silêncio se estabeleceu em seu quarto novamente e tudo como era antes. Ao olhar para céu novamente, ela já estava alta, quase a pino em sua cabeça. Rogério teve a certeza que não era louco. Era apenas a sua vida que estava mudando. Nunca antes dispensaria um sábado como aquele, com os amigos. Nunca antes, deixaria de ir à caça da mulherada por estudo. A lua, como em antigos rituais parecia lhe prometer algo melhor apenas por admirá-la e por aquele sacrifício tão doloroso para um jovem em oferecer o seu sábado a troca de estudos. Uma epifania. Rogério terminou de estudar naquela noite e tinha todo um domingo pra rever e imprimir alguns trabalhos pendentes. Decidiu diante da lua que tomaria outro rumo que a deu seu pai, de Idailtom, Juliano e todo o mundo da zona leste que queria deixar para trás, tirar de seus pés as calçadas de fracassados, bêbados e drogados, que nada fazem do que cativar o seu fracasso e o destino que acreditam lhes pertencer.

A sua mãe bateu na porta e ao entrar o viu sobre os livros. Sorriu com certo alivio de vê-los tomar o caminho dos estudos longe de seus amigos em caminhos tortos. Ofereceu-lhe um lanche que Rogério dispensou, depois perguntou sobre

Barbara, Rogério comentou que estavam bem. Sua mãe sorriu e entendeu que ele tinha que estudar e por fim ficou ali admirando um pouco mais. Como mãe, uma leoa num cansaço dos leões de seu dia a dia, tranquilizava-se em ver a cria preparando-se para a caça, o seu destino que a faculdade o faria outro ser tão mais forte que o bando ali. Para Rogério certamente era o efeito de sua promessa quando aos treze anos, experimentou da vida a faísca da morte. A Lua então iluminou o seu quarto projetando-se atravez da janela no espelho de corpo inteiro.

2

Trinta e cinco mil livros descansados sobre prateleiras de mogno, limpos, numa sala imensa e com temperatura controlada contra mofos, traças e cupins ou qualquer outra coisa que afetasse mesmo que levemente aqueles livros. E mesmo assim, Joaquim, que amava todos aqueles livros e os leras como a uma amante via sempre dar e buscar prazer em apenas os olha-los ou simplesmente tocar em um, pegar e folhear com a mesma verve de um carinho quente; misteriosos quando pode e excitante quase sempre, e mesmo assim os traiu a todos ao ver a lua sobre o seu imenso jardim num canto da mansão ali na Pompéia. Ela estava linda como sempre a viu em seus oitenta e dois anos. Avermelhada e cheia bem a pino sobre a sua solidão daquele momento, mas também de todas as coisas que já viveu tristes, deslumbrantes, chatas e poéticas a cada passo que dava para observá-la mais de perto. O que mais podia fazer na vida além de ler e observar o que podia observar.

O tempo na vida de um ser é um limite em que não se pode ultrapassar. Obvio. Quando novo se tem medo de tantas cosias, depois se deslumbra e vai descobrindo outras coisas, criando outros medos e buscando mais desafios para derrepente quando se conquistou muito que desejou e derrotou tantos medos se sente atrofiado pelos músculos e nervos que nos impedem de sair pelo mundo com mais força dizendo, exercendo tudo o que se apreendeu.

Descobrindo que a paciência é a única coisa sólida que se pode apoiar. Haja paciência muita paciência para se suportar em pé a cada passo devagar e bastante limitados. As pessoas mais novas, não se importam e poucos lhes dão ouvido.

A lua se foi, depois o domingo já veio onde alguns netos e noras estariam ali a te visitar como faziam todos os domingos há quatro anos desde que Eleonora a sua esposa morreu. Depois todos iriam embora seguindo as suas vidas, e o deixando com a boa companhia de seus livros. A osteoporose e um reumatismo mais ou menos crônico o obrigavam a essa vida reclusa. Mas até quando! Para Joaquim tudo parecia terminado. As empresas nas mãos dos filhos iam bem assim como os seus casamentos e famílias. - a morte de Eleonora atenuou as suas doenças e a vontade de se ir também. A noite virava dia, lendo Mário Quintana, Carlos Drummond, depois o dia uma eterna noite de insônia. Duas ou três horas dormia por vez às vezes à noite às vezes ao dia, num jogo que parecia sempre estar perdendo.

3

Para Rogério o dia começou empolgado, não perdeu hora, porque pretendia não perder da vida a sua chance de se dar bem. Não queria perder como o seu pai, ou mesmo a falsa ilusão de sua mãe. Não queria perder como os seus amigos mesmo gostando deles, não era o caminho que pretendia. E como um mantra sempre repetia a afirmação de que precisava deixar o mundo de seu bairro, dos fracassos e iludidos homens caídos no próprio medo. Estudou todo o final de semana e animado começaria aquele dia o seu estágio na B&N8, a terceira maior agências publicitária do país. Tomou o metrô rumo à estação da Sé centro da cidade, onde milhões de pessoas abarrotam-se num sufoco cantando por tantos. E ao chegar à zona sul, respirou o ar que passou a desejar.

Logo ao entrar na agência as coisas não foram animadas. O cartão para passar na catraca e entrar no edifício onde fica a agência engasgou e não passou. O segurança perguntou logo o que ele queria, mal encarado.

- Agência B&N8!

- Você é o novo boy?

- Eu sou estagiário!

- Estagiário! - o segurança o viu como todos os viam todos os dias. Um cara abaixo de todos que passavam por ali, por ser um segurança, morador

de uma zona leste ou norte e não mais do que isso. Como segurança também adiquiriu a indiferenças dos que passavam por ele. Por fim o fez entrar.

Rogério sentiu que alguma coisa estava diferente naquela manhã. Talvez fossem as suas roupas, talvez fosse o seu ar de zona leste, que tomar tantos ônibus e metros estampa no rosto o ar de alguém nada favorecido pelas facilidades do dinheiro. Seguiu rapidamente para o andar da agência. Lá fora o edifício parecia grande e brilhante blindado do mundo comum, do dia a dia. Lá dentro, o mundo de lá fora visto pelas imensas janelas de blindex parecia ser de todos que estavam ali, uma paisagem sem muita importância.

Apresentou-se primeiramente a Kátia, a secretária, loura e gostosa, muito bonita e olhando para o terminal o tempo todo, lhe comprimentou com um repetitivo bom dia dito ao telefone o tempo todo e a todos que passavam por ela. Depois ela o olhou com mais atenção e somente isso, disse-lhe um *"em que posso ajudá-lo!"* e ao saber que Rogério procurava Fabíola a responsável pela contratação de estagiários o encaminhou sem mais atenção para a sala de gestão de relações humanas. Nem mesmo ofereceu um café ou água dispostos à mesa para se servirem, e correu rapidamente para a sua mesa atendendo outras ligações. Kátia não sabia, mas tudo o que fez até então encantou Rogério, seu jeito delicado mesmo sem muita atenção para ele, mas tudo bem já estava acostumado a esses olhares vazios, desprezos e mesmo assim nunca deixou de admirar o que é para ser admirado. Kátia, bela e

gostosa, que não se perdiam mesmo a suas atarefadas funções sem tempo nem mesmo para um café.

Rapidamente tudo o que pensava foi invadido pela voz roca e dominadora de Fabíola que entrou na sala dizendo com outro estagiário algo sobre a campanha de um produto bem conceituado no mercado realizado pela agência na semana passada, e que ficou na semana passada quando Fabíola viu Rogério a sua frente. Ele tinha um rosto lindo, mas bastante singular, um corpo jovem e atraente escondidos nas roupas nada coniventes com ele. Sutilmente dispensou o estagiário com que falava e entrou em sua sala e cumprimentou Rogério.

- Ah! Aquele dia na sua escola eu estava preocupada com certas questões aqui da agência que nem mesmo reparei em você. Você é bonito rapaz!

- Mas não vou muito longe se ser apenas bonito. – respondeu lacônio, dono de uma verdade sua.

- Umh! Gostei de sua resposta! Empactou-me!

Rogério nada disse. Ela o olhou por mais um tempo e depois lhe perguntou qual o seu objetivo naquela empresa.

- Eu quero apreender. – disse sem dúvida alguma.

Ela se encantou com sua objetividade.

- Calma. Estamos apenas nos conhecendo.

- Eu sei.

- Caso não saiba nessa área da publicidade principalmente aqui nessa agência muita coisa tem importância e outras tantas não. Se comunicar corretamente é uma delas, se vestir adequadamente é outra. E bem na verdade, o que você sente nem tanto.

- Você disse se vestir adequadamente!

- É o seu ponto fraco meu querido.

- E o que eu devo vestir!

- Gostei! Você é pratico o que quer dizer que é eficiente.

- Como disse eu quero apreender.

- Bem! Vamos ao que interessa. Você mora na zona leste não é mesmo. Pois bem! Diga, minta que você mora aqui mais próximo na zona oeste. As pessoas aqui de alguma forma ou outra dão importância para isso. Sabe como é quanto mais pobre a região menos preparada é o candidato. Isso por causa de nosso ensino público. . Eles vivem num mundo igualzinho a de suas campanhas. Acham-se uma oitava acima de todos.

- Mas você também não trabalha aqui.

- Gostei de sua objetividade. E como você mesmo afirmou, eu apenas trabalho aqui. Às vezes vou jantar na casa de um ou de outro, saímos para beber. Mas eu sei que o mundo não é somente essas fantasias que eles vivem.

- Às vezes vejo na Tv alguns comerciais bem simples, de gente simples...

- Não são feitos aqui!

Rogério sorriu. Fabíola respondeu ao seu sorriso com um ar a mais.

- Podemos fazer o seguinte na hora do almoço eu te dou um toque do que deve vestir.

- Estou tão mal assim!

- Nem tanto! Mas precisa se aprimorar mais no visual. Você demonstrou ser objetivo e prático. E não se esqueça de que você mora no Ipiranga que tal!

Foi um sorriso firme, deixaram a sala e Rogério acompanhou Fabíola por longas salas separadas por vidros coloridos, mas que se podia toda a equipe. E cada um em suas funções diferenciado e acompanhado por obras de artes estranhas como as plantas ornamentais que as compunha. Fabíola disse que ele conheceria rapidamente todos. Perguntou sobre o seu inglês, ainda nem tanto fluente. Coisa que ele precisaria se aprimorar, naquela área falar inglês é fundamental. Talvez espanhol também e nos dias hoje até mesmo mandaria.

– É preciso muito tempo, muito dinheiro suspirou Rogério. Fabíola sorriu. Depois passou para a sala de redação. Ali Rogério passaria o seu tempo.

Ainda não iria criar os diálogos e textos para as peças publicitárias. Fabíola indicou que Rogério estaria ali para ajudar a corrigir textos e adequá-los.

- Não se preocupe quanto à gramática. Temos programas práticos e eficientes para isso.

Ali, ao lado Daniel e Mayra que eram responsáveis pela redação de textos das campanhas. A primeira vista não pareciam tão excêntricos e soberbos como dissera Fabíola. Sorriram-lhe cordialmente num cumprimento amistoso e num ato do destino o celular de Fabíola a chamou discretamente, não poderia ser outro se não Melquis. Melquisedelque o chefe de todos ali que desesperadamente precisava de sua ajuda. Já que eram amigos desde os tenros tempos da faculdade.

-... Ele pensa que eu sou sua secretária. – bufou Fabíola assim que desligou o celular e depois indicou Rogério ao Daniel e Mayra, que os orientassem por enquanto. Fabíola foi resolver o que se tinha para resolver. Um silêncio breve entre os três como que proposital de coisas querendo se aproximar.

Rogério sentou-se atento e prestando a atenção às dicas que Daniel e Mayra iam lhe passando e sem que Rogério percebesse e com bastante malicia, Daniel olhou para Mayra, piscando-lhe para algum propósito incomum. Ela sorriu aceitando o convite e então os dois olharam para Rogério.

- Está tudo bem! – disse Mayra.

- Tá sim!

- É um sistema simples!- disse Daniel.

- Bastante!

- Você mora onde?- perguntou Mayra.

- Tatuapé.

- Amh!

- Fabíola me disse para dizer que moro mais próximo. Mas eu decidi não dizer.

- Po que coragem! Cara! – disse Mayra.

- É Rogério! As coisas podem se complicar!

- Por que! Por eu dizer onde eu morro!

- Não! Por ter dito que Fabíola lhe pediu par mentir!

- Mas ela pediu mesmo!

- É, mas aqui a gente não pode dizer certas coisas.

- Eu até que pensei nisso. Mas ai me deu uma dor no estômago.

- É você pode não ir muito longe.

- Mas tento.

- Po cara! Você tem umas respostas afinadas. – sorriu Mayra.

- Sabe. Do mundo que venho esse aqui não é muito diferente.

- Como!

- Mayra, eu tenho dificuldade em usar da mentira. Vejo a minha mãe fazer isso todos os dias inclusive

para ela mesma. E eu não sei não. Acho que isso me vacinou de mentir. Ainda a pouco quando me sentei na frente de Fabíola eu comecei a engolir um monte de coisas que ela ia me dizendo. Até achei algumas coisas interessante. Mas quando ela me pediu para mentir onde eu moro, eu aceitei meio que não aceitando e de lá até aqui quando chegamos e eu não consegui digerir. Lembrei-me logo de minha mãe, das mentiras delas para ela e com o meu pai, dos meus amigos e do lugar aonde eu vim. E vomitei sabendo que eu não poderia dar os meus novos passos mentindo de onde eu vim e quem eu sou e tudo o que tenho e sei. Se é que me entendem. E sei que isso não tem importância alguma para vocês, mas esse sou eu.

Mayra surpreendeu-se e Daniel esticou o seu braço tocando num comprimento ao ar como o prazer de ter conquistado aquele amigo.

- Bola dentro Cara! Sabe você tá certo. Certíssimo.

- Cara! – disse Mayra sem muitas palavras.

- Sabe a gente ia tirar um humor com você tirando sarro da mentira que ira contar. A Fabíola sempre faz dessas, fez com a gente.

- E vocês mentiram!

- É...

- Não teve jeito.

- Jeito tem. Depende de cada um!

- E ai cara, não banca não. Não vem querer dar um de certinho.

- Acho muito pouco usar o termo certinho. A gente pode ser diferente.

- Calma ai Daniel! O Rogério tá certo.

- E também não estou te condenando Daniel. Eu já te disse é o meu estômago ele não digere essas coisas. Não engulo nem mesmo aquele ditado que diz que manda que pode, obedece quem tem juízo.

- É eu também não gosto não. Mas é que eu... Fiquei com medo, um medo que nos controla sem querermos, que está aqui dentro. Eu não gosto de onde eu vim, odeio a minha rua e as pessoas que moram lá. Tudo medíocre. Na escola que eu estudei só sabiam falar sobre futebol, futebol, parecia não haver mais nada na vida. As pessoas se reduzem a uma coisa só. Eu não queria ficar lá por muito tempo, e esse estágio agora emprego me era fundamental. Eu dei um jeito de sair daquela rua, daquela vida. E agora moro aqui próximo. Às vezes fico duro, mas estou melhor do que antes.

- Você fez a coisa certa para você. – disse Rogério.

- Mas você disse que dá para não mentir...

- Para mim. É esse meu estômago.

Todos sorriram.

- Hei vamos almoçar os três juntos! – sugeriu Mayra.

- Daniel. Eu não quis ser idiota contigo. É apenas o meu ponto de vista.

- Relaxa cara. Eu sei.

Sorriram novamente.

- Você me fez falar com se fossemos amigos há muito tempo. Eu nunca disse isso a ninguém.

Rogério coçou a cabeça. – Você às vezes se sente diferente dos caras do mundo?

- Às vezes, não, muitas vezes.

- Assim como que eles estão fazendo a coisa errada, ai você para e pensa. Eu não! Não faria assim. Eu faria desse jeito. Ou porque tem que ser assim!

- Isso.

- Então a gente pensa quase igual.

Sorriram. Aquela amizade pareceu igual à Mayra também, mas em especial a ela encontrou um sentimento que não tinha descoberto antes ali naquela agência e que já algum tempo não sentia mais tão forte e mágico, não era nada além de uma empatia, simpatia, que ia crescendo e crescendo num terreno propício para virar algo mais forte e enluado de sentimentos tão seus.

Fabíola ao voltar perguntou se tudo estava certo, tinha o rosto airado de certa rispidez, dessas que nos tomas quando somos obrigados a fazer algo que não gostamos. Não gostamos mesmo. Vendo que estava tudo certo e que Daniel e Mayra

passavam ao trabalho para Rogério e já pareciam enturmados, voltou ao seu mundo uma pouco menos triste com Rogério por perto. Para Rogério estar naquela agência era uma realização, um sonho que os céus fez cair em seu colo. Sempre admirou Melquis o criador e dono da agência e agora pisar no mesmo solo sagrado da criação publicitária e mesmo que como um estagiário deu-lhe a sensação de saber o que é a vida.

4

Melquis. Era uma figura assustadora. Dessas que parecem saber tudo e sobre tudo e todos e nada é importante abaixo de seu nariz. – comentou Mayra para Rogério. E acrescentou que ele ficasse tranquilo que Fabíola nunca iria apresentá-lo ao Melquis porque ele simplesmente não lhe comprementaria.

- Às vezes a gente aqui é como um móvel para ele, ele passa com cuidado de não esbarrar. Aqui ele conversa com três ou quatro pessoas de sua total importância.

- É, mas ele caga fedido. Igual a nós. Todos nos somos iguais no banheiro. – comentou Daniel.

Riram.

Rogério o olhou brevemente para em direção a sala de Melquis. E sentiu algo em comum com ele.

Era um homem elegante, de rosto tranquilo, não parecia cansar-se com as coisas da vida, tinha tudo em mãos assim que queria. E como comentou Daniel, dono da agência e de tantos prêmios que fora capaz de ganhar. Algo que queria para si. Aquele lugar. Aquele mundo. Aquela posição.

- Mas ele parece talentoso. Por ter tantos prêmios! Deve ter conquistado com muito talento e esforço.

- Que nada Rogério. Quem cria tudo são os seus funcionários. O pessoal da redação, da criação...